

PANORAMA

Fukushima e suas repercussões

Para a atenção mediática mundial, o terramoto do Japão converteu-se no caso ocorrido com a central nuclear de Fukushima. O que não deixa de ser curioso. A terrível combinação do forte terramoto e do *tsunami* provocou mais de 12 mil mortos e mais de 15 mil desaparecidos (até esta altura em que escrevemos), com povoações inteiras arrasadas. Pelo contrário, na central nuclear, não houve até ao momento nenhuma morte, e a probabilidade de graves prejuízos para a população pelo escape da radioactividade, não se confirmou até agora.

Deve adiantar-se que para os mortos já não há remédio, pelo que o importante é como resolver o perigo da radioactividade sobre os vivos. Mas dá a impressão que muito menos houve qualquer interesse mediático sobre os afectados no Nordeste do Japão, que nos primeiros dias correram maiores riscos devido à fome e ao frio, do que por causa da radioactividade. É verdade que nas zonas próximas de Fukushima a radioactividade aumentou, mas em doses que não implicam uma ameaça grave para a saúde.

É lógico que a segurança das centrais nucleares seja motivo de preocupação. Mas esta segurança não sai combatida dos acontecimentos de Fukushima. Nessa localidade, uma velha central nuclear sofreu as consequências de um terramoto fortíssimo, de magnitude 9 na escala de Richter. O sistema eléctrico falhou e deixou fora de combate a refrigeração. Consequentemente, os reactores aqueceram, houve explosões de hidrogénio que destruíram os telhados dos edifícios que os albergam, mas sem que isto seja uma explosão nuclear. Apesar de tudo o que aconteceu, ninguém recebeu uma dose letal de radiação. Se a segurança de uma central nuclear se medir pelo seu comportamento nas piores condições, é difícil que uma central tenha de passar uma prova tão dura como a de Fukushima.

Aquando de um acidente numa central nuclear, evoca-se o desastre de Tchernobil, o pior acidente nuclear da história acontecido em 1986. Mas o caso ocorrido em Fukushima só se assemelha ao de Tchernobil por ambas as situações envolverem centrais nucleares. Em Tchernobil, por errada acção humana, houve uma explosão afectando o núcleo do reactor, e que lançou na atmosfera toneladas de material radioactivo, que o ar expandiu ao longo de Ucrânia, Rússia e

Bielorrússia, com ramificações noutros países da Europa. Nada disto sucedeu em Fukushima, onde dois dos seis reactores estão apagados e a frio, mantendo-se a situação dos outros quatro num plano de gravidade, mas não incontrolável. Todavia, houve a tendência para se apresentar o caso, como se estivéssemos com outro Tchernobil.

É verdade que a radioactividade causa especial receio, devido às dificuldades para se proteger de uma contaminação que pode chegar através dos alimentos e da água, ou pelo ar. E, quando entram em jogo emoções intensas, a opinião pública tende a centrar a sua atenção no pior dos casos possíveis, e fixa-se pouco na probabilidade que aconteça.

Mas perante qualquer tipo de risco, tem de se avaliar sempre o custo que exigiria evitá-lo. Para excluir a qualquer preço as mortes por terramoto, teria de haver uma renúncia a habitar em zonas sísmicas e nas costas com risco de *tsunami*. Mas como isso é inviável, conformamo-nos em implantar normas anti-sísmicas mais exigentes para a construção nessas zonas.

Também pode ser prudente excluir a construção de centrais nucleares em zonas de maior risco sísmico. Mas algo diferente é renunciar à energia nuclear por princípio, enquanto não existirem outras fontes de energia que possam substituí-la. Actualmente, as centrais nucleares fornecem 30% da energia eléctrica do Japão. E, dada a escassez de recursos naturais desse país, o qual tem de importar o carvão e o petróleo de que necessita, não parece que haja outras alternativas para manter uma certa auto-suficiência energética.

É possível renunciar às centrais nucleares em qualquer lugar, mas o que as substituiria neste momento não seriam as energias renováveis (eólica, fotovoltaica, hidráulica), mas os combustíveis fósseis. E o impacto do carvão sobre o ambiente (mudança climática, poluição local, actividade mineira) é muito mais prejudicial do que o da energia nuclear.

A realidade é que não existe uma fonte de energia limpa e barata. Cada uma tem o seu custo económico e ambiental. O que acontece é que tendemos a nos fixar mais nestes ou naqueles custos consoante as preocupações existentes a cada momento.

O acidente de Tchernobil pôs em quarentena as centrais nucleares durante vinte e cinco anos, mas a necessidade de reduzir as emissões de CO₂ e a crescente procura de energia tinha relançado o interesse pela energia nuclear nos últimos

tempos. A explosão da plataforma petrolífera no Golfo do México fez realçar também o risco ambiental das prospecções petrolíferas no mar alto. A subida do preço do petróleo e do gás revela até que ponto as energias fósseis são sensíveis aos sismos políticos nos países produtores. E os custos suplementares das energias renováveis assustam os consumidores na factura da electricidade.

Pode-se defender um *mix* energético com diferentes ingredientes, entre os quais não se incluía a energia nuclear. Mas tem de se estar disposto também a pagar a factura, em termos de uma redução significativa do consumo ou de um maior preço.

Por exemplo, o apoio da opinião pública dos EUA à energia nuclear diminuiu depois da situação provocada pela emergência que ocorreu na fábrica de Fukushima, segundo dados do Pew Research Center (21 de Março de 2011).

Actualmente, uns 52% dos norte-americanos são contra um maior recurso à energia nuclear, contra 39% que são favoráveis. Pelo contrário, noutra inquérito de Outubro passado, 47% eram favoráveis e outros 47% opunham-se.

Segundo os dados do Pew Research Center, a opinião sobre a energia nuclear tem flutuado nos últimos anos, em geral com predomínio da opinião desfavorável, com um máximo de 53% contra 39% em 2005.

A influência dos acidentes revela -se também nas mudanças de opinião a respeito das prospecções petrolíferas no mar alto. Em Junho passado, com o crude vertido no Golfo do México, havia mais oposição (52%) do que apoio (44%). Mas com o recente aumento do preço da gasolina, o apoio a estas prospecções voltou a crescer, com 57% favoráveis, contra 37% desfavoráveis.

O relatório do Pew Research revela também crescente apoio ao financiamento federal para a investigação em energias renováveis (74%), em gastos mais significativos nos transportes públicos (metropolitano, caminho de ferro, autocarro) e em dar incentivos fiscais para a compra de veículos híbridos (58%).

(I. A. e Pew Research Center)

Líbia: revolta democrática ou guerra civil tribal?

À medida que o conflito da Líbia se prolonga, começa a surgir uma pergunta, como a que formula David Kirpatrick no "International Herald Tribune" (23 de Março de 2011): "A batalha da Líbia é um choque entre um ditador brutal e uma oposição democrática, ou é fundamentalmente uma guerra civil entre tribos?"

Até ao golpe de estado de Kadhafi em 1969, a Líbia mal podia ser considerada um país, pois estava dividida pelo rei em três províncias separadas, cada uma delas composta por inúmeras tribos semi-nómadas. A região oriental em torno de Bengasi foi sempre foco de oposição ao coronel, em parte porque tinha gozado dos favores do antigo rei Idris I, derrubado por Kadhafi, para depois beneficiar as tribos do Centro e da costa Oeste.

Quando estalaram as revoltas, muitos dos que abandonaram Kadhafi – entre eles o general Abdul Fattah Younes, ex-ministro do Interior – eram membros das tribos orientais.

Kirpatrick adverte que a oposição tradicional entre as tribos pode ter-se diluído, graças à modernização que o próprio Kadhafi introduziu. Gradualmente, a Líbia converteu-se num país urbano, com 85% da população a viver em Trípoli e Bengasi, e com intercâmbios populacionais entre o Leste e o Oeste. Por outro lado, uma jovem geração que estudou fora e fala inglês, como os filhos do próprio Kadhafi, estão muito mais abertos à influência estrangeira.

Também é de notar que, embora o Conselho Nacional Líbio rebelde seja formado por profissionais educados que falam de democracia, direitos humanos e do império da lei, está para ver qual o seu apego aos procedimentos legais.

Segundo Massimo Introvigne afirma em "La Bussola" (22 de Março de 2011), o cenário líbio é mais complexo do que parece. As mais de 140 tribos estão divididas em três regiões: Tripolitânia no Oeste, Cirenaica no Leste e a Líbia Central, desértica na sua maior parte. Kadhafi tem origem numa das tribos da zona central, a Qaddhafa.

A adesão ao Islão nos dois últimos séculos foi mais fervorosa na Cirenaica, onde se arraigou o movimento Senussi, uma corrente de despertar islâmico fundada em 1835. Inimigo de Kadhafi, o movimento Senussi continua a aglutinar a maioria dos habitantes da Cirenaica.

O Conselho Nacional Líbio de Bengasi, que encabeçou a revolta contra Kadhafi, é principalmente expressão das tribos orientais da Cirenaica, embora também tenha integrado membros de outras tribos do Oeste.

Nem todos os membros das tribos orientais – nem muito menos todos os Senussi – podem ser considerados fundamentalistas, reconhece Introvigne. "Mas, pela sua história, trata-se de realidades mais próximas do fundamentalismo islâmico, pelo que quem receia uma deriva neste sentido da revolta contra Kadhafi pode não estar enganado. O enredo tribal líbio é muito complexo. Reduzi-lo a um choque entre democracia e ditadura, ou entre bons e maus, é ridículo".

("International Herald Tribune", "La Bussola")

A origem

Inception

Realizador: Christopher Nolan

Actores: Leonard di Caprio; Ellen Page

Música: Hans Zimmer

Duração: 148 min.

Ano: 2010

Este filme foi um dos vencedores da noite dos Óscares 2010 e mereceu essa distinção! Um investigador desenvolveu uma técnica de “roubar” ideias às pessoas entrando na sua mente, colocando depois os pensamentos que pretende sejam adquiridos pela pessoa. Ao aplicar na sua própria família essas experiências, os resultados não foram os esperados e acabaram mal. Agora procurava a toda o custo remediar essa situação. No entanto, aceitara também usar os seus conhecimentos em esquemas e negócios menos claros e transparentes, que lhe causavam problemas. Numa tentativa de resolver tudo de uma vez por todas, aceita um último desafio.

Elabora uma estratégia. Cria uma equipa e vai ao encontro de cada um dos membros que seleccionara. Nem todos se apercebem da real dimensão da questão. Só uma rapariga ao investigar mais a fundo o problema é que se dá conta dos riscos. Aceita esses riscos e acaba por merecer a confiança do investigador.

Com tudo preparado, põe em prática o plano. Tudo corre conforme o programado mas de repente, surgem interferências. As emoções e recordações aparecem quando menos se espera e afectam o desempenho pessoal. Ele sente e sabe que tem de encarar frontalmente os assuntos que o perturbam. Fala com a rapariga. Explica-lhe o que se passa.

Pede ajuda e o apoio dos outros virá a ser decisivo para o êxito do projecto. Todos conheciam o objectivo e lutam por ele.

A acção desenrola-se a um ritmo digno das narrativas empolgantes, mas no final, o que conta é a sensação do dever cumprido, graças à dedicação de todos e à coragem em se enfrentar a si próprio.

Tópicos de análise:

- 1 - O impacto emocional no próprio e nos outros deve ser avaliado perante um projecto.
- 2 - A experiência do passado é útil ao planear o futuro.
- 3 - O autoconhecimento ajuda a melhorar o domínio pessoal e um bom desempenho.
- 4 - Trabalhar em equipa é decisivo para confirmar as opções correctas.